



A LINGUÍSTICA CULIOLIANA E SEUS SUBSÍDIOS PARA INVESTIGAÇÃO DOS MECANISMOS SEMÂNTICOS DAS LÍNGUAS NATURAIS¹

CULIOLIAN LINGUISTICS AND ITS SUBSIDIES FOR INVESTIGATION OF THE SEMANTIC MECHANISMS OF NATURAL LANGUAGES

Marcos Luiz Cumpri²

Recebimento do texto: 15/04/2017

Data de aceite: 17/05/2017

RESUMO: este artigo sumariza alguns aspectos do projeto teórico-metodológico do linguista Antoine Culioli, fundador do pensamento que hoje é conhecido no Brasil como a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). O texto elenca pontos nodais da teoria como a necessidade de se pensar a Linguística a partir da linguagem articulada às línguas naturais, de se criar um sistema metalinguístico de análise e de se compreender a enunciação como uma atividade de produção e de reconhecimento interpretativo de formas abstratas. Para isso, as seções priorizam os conceitos de operação, invariância e de noção, que são fundamentais à teoria e sustentam sua metodologia.

PALAVRAS CHAVE: Culioli; Operações; Enunciação; Linguagem; Atividade.

ABSTRACT: This article summarizes aspects of Antoine Culioli's theoretical-methodological pattern. This linguist is founder of the thought that nowadays is known in Brazil as the Theory of Predicative and Enunciative Operations. The text shows nodal points of the theory and the need to think about Linguistics from the articulation between Language and natural languages, to create a metalinguistic system of analysis and to understand the enunciation as a production activity and interpretative recognition of abstract units. For that, the sections prioritize the concepts of operation, invariance and notion, which are fundamental to the theory and give support to its methodology.

KEYWORDS: Culiol; Operations; Enunciation; Language; Activity.

¹ Apoio: CAPES

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). E-mail marcoscumpri@yahoo.com.br



Introdução

O estudo da linguagem a partir da variação das línguas naturais é um desafio dos linguistas desde que a atividade significativa dos sujeitos (os mecanismos semânticos) assumiu preponderância no escopo da análise. A esse projeto, várias são as áreas da Linguística que se dedicam: Psicolinguística, Linguística Cognitiva, Semântica, Funcionalismo, Linguística Enunciativa. Entre estas e outras, não se nega que os grupos voltados à enunciação são os que fielmente visam compreender o funcionamento da linguagem a partir das operações que os sujeitos, num dado tempo e num dado espaço, fazem.

O linguista Antoine Culioli, a quem as pesquisas dentro da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) devem mesura, tem insistido há mais de quatro décadas que a linguística que ele almeja é aquela que coloca o enigma da linguagem no bojo de seus estudos. Ele tem defendido ao longo desses anos que o espaço de sua linguística está nos estudos da linguagem: aquela atividade simbólica de ordem cognitiva e afetiva apreendida através das línguas naturais, dos textos e das situações.

Desse modo, este artigo resulta da compilação da TOPE, sobretudo dos três tomos (1990, 1999a, 1999b) que integram a obra “Por uma linguística da Enunciação” e de brochuras publicadas por seus discípulos. Ao final do texto apresentamos uma análise linguística a fim de mostrarmos como a teoria dá conta de problemas da língua.



1 Inquietações teórico-metodológicas

Sua inquietação metodológica constantemente tenta responder à seguinte pergunta: como construir um sistema de representação metalinguístico que satisfaça as exigências de linguistas e não linguistas?

Numa primeira instância, a resposta seria a construção de uma teoria dos observáveis que fosse subsidiada por hipóteses válidas e pela instauração de um sistema metalinguístico que sustentasse a teoria em questão, de modo que o principal meio para refletir sobre a linguagem, nesse sistema, é o enunciado e os processos que o constituem. Para isso, colocam-se no bojo das discussões construções corriqueiras, criam-se famílias parafrásticas, aproximam-se dois conteúdos predicativos aparentemente distantes em sentido e distanciam-se dois conteúdos predicativos aparentemente próximos em sentido.

Culioli (1999a, p. 11) ressalta que descobrir o enunciado é fazer vir à tona o problema das relações intersubjetivas e o problema fundamental da dissimetria entre produção e reconhecimento. Ademais, ele (i) refuta a concepção simplista da linguagem que se confina num invólucro que contenha um emissor e um receptor. Ao contrário, ele se apoia numa filosofia que corrobora a ideia de uma atividade de comunicação que pressupõe ajustes e percursos sinuosos, a saber o que um sujeito produz de ajustamentos textuais reconhecíveis e interpretáveis por um outro sujeito de maneiras distintas e (ii) rejeita um modelo em que a comunicação se reduziria à transmissão de informações pré-estabelecidas, sem modulações, sem adaptações e geradas por sujeitos numa situação harmônica igualmente preestabelecida.



A seguir apresentamos as três diretrizes-chaves do modelo de análise culioliano:

I. Introdução da distinção entre linguagístico, linguístico e metalinguístico, bem como da diferença entre o transindividual e o intersubjetivo, pois se só houvesse o transindividual, as variações e os ajustes seriam suprimidos e se só houvesse o intersubjetivo, a comunicação seria impossível. Em consonância, também emerge a necessidade de se introduzir o conceito de *lexis* (adaptado de *lekton* dos estoicos) para fundar essa estabilidade deformável e essa plasticidade estável do jogo enunciativo e para transpor o problema da troca enunciativa à construção e reconstrução de formas abstratas e materiais, pois o trabalho linguístico se dá em condições que tornam um enunciado interpretável. Dito de outra forma, uma teoria da *lexis* vai ao encontro do problema das equivalências, pois de uma *lexis* emerge uma família parafrástica e de glosas com modulações que nos fornecem condições de verificar o que é a mesma coisa, o que é diferente e porque é igual ou diferente.

II. Consolidação da relação entre língua e linguagem e do conceito de enunciado por remeterem ao problema central das invariâncias e da deformidade em linguística, isto é, à construção de um sistema dinâmico dos fenômenos complexos, sendo que a refutação dessa construção implicaria termos que nos contentar com dados simplistas e idealizados, e sem critérios para essa idealização. Assim, favorece-se o estudo das ocorrências encontradas sem excluir nenhuma e sem se recusar a construir um modelo dinâmico e consciente do risco de se fracassar e de ter que colocar em pauta se a falta de





resultado é consequência de uma insuficiência teórica (ou metodológica) ou se se trata de um problema sem solução (considerando a heterogeneidade linguística).

III. Busca de como os linguistas constroem os objetos que eles operam e de como se constroem os espaços em que colocamos esses objetos de forma que possamos construir os enunciados. Destacam-se aqui a relação primitiva, a lexis, o domínio nocional, os jogos de marcas que remetem às categorias gramaticais e lexicais, o espaço de referência como os objetos metalinguísticos (construtos teóricos). Dentre as operações possíveis, Culioli dá relevo à que insere uma lexis num espaço de referência. Assim, os enunciados seriam o produto oriundo da instanciação de um esquema de lexis onde a construção do enunciado se daria pela relação estabelecida entre uma noção e uma ocorrência dessa noção e pela localização dessa ocorrência em referência a um sistema de operação.

Essas três premissas indicam que Culioli sustenta seus estudos por meio de uma teoria dos observáveis e de uma observação a outra chega a generalizações e a representações metalinguísticas de fenômenos analisáveis. Na relação entre a linguagem e a cognição encontra-se o aparato para saber construir problemas, saber construir raciocínios, saber controlar e construir (simultaneamente) procedimentos de validação que permitam verificar se os problemas linguísticos estão bem formulados e se os raciocínios são pertinentes. Culioli sustenta seus estudos por meio de uma teoria dos observáveis e de uma observação a outra chega a generalizações e a representações metalinguísticas de fenômenos analisáveis. Dito de outra maneira, ele busca na relação entre a linguagem e a cognição o aparato para



saber construir problemas, saber construir raciocínios, saber controlar e construir (simultaneamente) procedimentos de validação que permitam verificar se os problemas linguísticos estão bem formulados, se os raciocínios são pertinentes.

Para a realização de seu trabalho o linguista parte de uma hipótese fundadora que é a de que a atividade enunciativa é uma atividade de produção e de reconhecimento interpretativo de formas abstratas; de um modelo epistemológico tridimensional onde se tem (i) as noções (representações mentais inacessíveis diretamente oriundas das experiências dos sujeitos ligados a um universo cultural), (ii) as representações linguísticas e (iii) o sistema de representações metalinguísticas; de uma hipótese condicional em que as representações linguísticas são os traços materiais e textuais das representações e das operações de passagem das noções para as representações linguísticas e, finalmente, de um princípio metodológico em que a formalização entre as relações de representações metalinguísticas e representações linguísticas permitam construir uma simulação das relações entre as noções e as representações linguísticas.

O esquema de relações pode ser denominado como um verdadeiro esquema semiológico integral segundo um princípio de continuidade semiótica, esquemas mentais, realidade psíquica, lógica discursiva, subjetividade e intersubjetividade, esquemas linguísticos, sistemas linguísticos, instituições sociais, técnicas e culturas.

Culioli e Normand (2005, p. 182) combinam a elaboração teórica à produção subjetiva e descobrem a linguagem ao mesmo tempo em que organizam o que virá a ser um texto numa língua. O que se faz, em verdade, é



usar a razão conjectural em função de uma forma de interpretação que dá acesso ao inconsciente e estende a visão de Saussure que admitia que o estudo da linguagem está quase inteiramente contido no estudo da língua. Um estudo que seria improdutivo e desprovido de método e princípio gerador se não fosse direcionado a ilustrar o problema geral da linguagem e se não se procurasse identificar cada fato particular em que se observam o significado e o proveito visíveis resultantes do conhecimento instintivo que o homem tem de operar a língua.

Assim, o projeto de Culioli se situa na compreensão da atividade da linguagem nas margens da linguística (o indizível, o afeto, a empatia, a percepção, etc.). Isto é, estamos falando de um programa de trabalho que parte da crença de que uma ciência que se faz sobre suas fronteiras cujo centro seja móvel a fim de que se passe de uma linguística de operações predicativas e enunciativas a uma morfogênese semântica e a uma antropologia do fazer humano e social que são a própria ciência da linguagem.

2 O modelo metodológico de Culioli

Culioli (1999a, p.53) costuma ter bem definidas e não confundidas as noções de linguagístico, linguístico e metalinguístico. Por procedimento linguagístico, compreende a atividade da linguagem, por linguístico, as operações complexas cujos traços são as configurações textuais e por atividade metalinguística ele compreende a atividade do linguista de descrever, representar e simular os fenômenos observáveis (produção e produto) resultantes das atividades linguagística e linguística.





Os fenômenos observados se dão dentro de um quadro teórico descrito enquanto um conjunto coerente de hipóteses sujeito à verificação. Assim, ao linguista cabe (i) relatar de forma explícita as hipóteses formuladas, as categorias e bem como a origem e o estatuto teórico dessas categorias, além de definir as operações e justificar as representações simbólicas dos estados metalinguísticos que ele constrói, (ii) obedecer às exigências de coerência de toda escrita formal, (iii) submeter-se à regra imprescindível da verificação empírica a fim de explicar como se passa de uma fórmula a um enunciado e qual é o grau de aproximação aceitável.

Resumidamente, construir um modelo teórico seria o mesmo que:

- (i) Dar conta das representações desarticuladas às quais esforços de aproximação têm sido feitos graças a um discurso gramatical que se desvia dos princípios da analogia gramatical.
- (ii) Construir, empiricamente, um sistema lógico do qual descenda uma ou várias línguas.
- (iii) Descrever as línguas e estudar, por meio das operações predicativas, as propriedades gerais dos sistemas operatórios em função da diversidade dessas línguas naturais.

Em crítica às relações tênues entre a linguística descritiva e a linguística teórica e às práticas aproximativas e confusas, Culioli (1999a, p. 64) afirma que só é possível construir um modelo linguístico a partir de um trabalho em conjunto, organizado e consciente. Importa aprender definir os domínios e ligar a argumentação de modo que se possa comparar duas teorias e demonstrar, sempre que possível, a equivalência. Para tal, não se pode (i) confundir os conceitos de linguagístico, linguístico e metalinguístico; (ii) confundir as noções de formal, cognitivo, código e lógica, (iii) deixar de



atribuir, por meio de regras operatórias, um estatuto teórico ao que se define. Ainda há de se considerar o problema entre sintaxe e semântica no qual a segunda seja sempre interpretativa. O essencial é formular o que se quer representar: a atividade da linguagem? Uma língua? Várias línguas? As operações predicativas? As operações enunciativas?

Para a TOPE, uma discussão profícua em Linguística pode se consagrar a partir da análise de um único enunciado, o que implica levar em consideração uma família parafrástica desse enunciado a fim de forçar a sua explicitação. Dessa forma, ao invés de trabalhar com uma metalíngua aproximativa sobre enunciados normatizados, o linguista procura construir (a partir de observações bem detalhadas) uma metalíngua (explícita e unívoca) que permite apreender a linguagem através da diversidade das línguas naturais sem que se deixe de levar em conta a ambivalência, a aproximação, a falha e o mal entendido.

Esse modelo permite a resolução de problemas das línguas e da linguagem, com destaque para a ambiguidade da léxis; sua construção implica a recusa de um reducionismo da linguagem à função comunicativa e de conduzir a Linguística a um estado de coleta de fenômenos individuais. Ao contrário, o foco é a colocação de problemas teóricos, a fixação a uma metalíngua comum e a formalização da Linguística. Afinal, a exigência teórica de tratar as línguas formalmente é o que permite a construção de um conjunto de hipóteses de estados metalinguísticos e operações.

Considerar que a linguagem é apreendida através da diversidade das línguas naturais, além de definir o que está na base da Linguística para a TOPE, requer observações sistemáticas e minuciosas numa dada língua com o amparo de um quadro teórico e de um conjunto coerente de hipóteses explicitamente



construídas sujeitas à verificação. As observações se dão sempre num sistema metalinguístico de representação e se colocam sobre um mesmo domínio, no qual não se pode definir, numa primeira etapa, mais do que um modo aproximado: divisão tradicional (a comparação, por exemplo), delimitação de ordem teórica (voz e aspecto, por exemplo), análise de enunciados equivalentes em duas ou várias línguas. A partir dessas observações, tratadas de acordo com as regras de representação compatíveis, constrói-se um conjunto coerente de hipóteses ao qual se associa um sistema metalinguístico de representações. O objetivo dessa construção é o de poder formular problemas e propor soluções graças a procedimentos de raciocínio.

Mais precisamente, o objetivo da pesquisa é o de elucidar conceitos (categorias, operações) generalizáveis, além de verificar suas configurações que são irreduzivelmente específicas, o mesmo modo que as propriedades universais. Mas não se trata de uma gramática universal e tão pouco de um jogo de etiquetas que facilitariam a classificação dos fenômenos.

A linguagem é uma atividade significativa, de representação inacessível a não ser através dos textos, de agenciamentos de marcas que são os traços das operações. A observação e as classificações, mesmo rudimentares, mostram que existem, pela diversidade de realizações e de categorias, propriedades analógicas estáveis, mesmo porque as línguas não são irreduzivelmente específicas.

Apesar de a referência à linguagem, por vezes, conduzir à ideia de que se poderia utilizar uma metalinguagem de porte universal, o objetivo não é o de construir uma gramática universal. A intenção é a de reconstruir, por uma demarcação teórica e formal do tipo fundamental, as noções primitivas, as



operações elementares, as regras de esquemas que engendram as categorias gramaticais e os agenciamentos específicos a cada língua, isto é, buscar as invariantes que fundamentam e regem a atividade da linguagem de forma que ela apareça através da configuração de diferentes línguas.

Faz-se necessário que deixemos para trás as propriedades classificatórias e a etiquetagem, que nos libertemos do discurso intuitivo graças à construção de um sistema de representação metalinguística (que incluirá a língua usual), que construamos uma teoria dos observáveis e, a partir das classes de fenômenos (sobretudo pela constituição de famílias de enunciados em relação parafrástica), formulemos problemas e construamos procedimentos de raciocínio. Todo investimento é sempre um investimento complexo em que se passa das observações a uma problemática para poder retornar aos fenômenos.

Adotar esses objetivos, não é o mesmo que distinguir as delimitações entre prosódia, sintaxe, semântica e pragmática. A demarcação está entre aquilo que é representável e regular de um lado, e aquilo que é heterogêneo no que concerne às regras metalinguísticas construídas, de outro.

Se se fazem agenciamentos de marcas, tem-se uma forma que é produto das operações e se torna necessário simular a relação operação-marcas graças a uma construção metalinguística. Não se trata de reduzir a sintaxe a um núcleo arbitrariamente condicionado, mas de tratar tudo que está no domínio metodologicamente homogêneo, ou em domínios localmente homogêneos que se pode articular entre si. O que ele faz na verdade é partir em defesa de uma sintaxe definida como hipersintaxe, a qual, em linhas gerais: resolve as confusões possíveis entre frase e enunciado, trabalha a entonação constante e



considera as glosas dos locutores quando for preciso construir um contexto explícito; rejeita toda a confusão entre os problemas lógico-filosóficos da referência (valor de verdade, referência externa, estatuto ontológico dos indivíduos) e a construção (não simétrica) para os interlocutores de valores referenciais atribuídos a enunciados através da produção e do reconhecimento de formas; de onde a necessidade de não se restringir a um universo rígido, estritamente extensivo, no qual se tenha eliminado a atividade dos sujeitos enunciadorees e a deformidade característica dos fenômenos linguísticos.

Assim, a autonomia da sintaxe é compreendida por existir formas engendradas por sistemas estruturados de operações em que se pode fornecer uma representação e um tratamento. Isso quer dizer que é possível trabalhar sobre a atividade da produção e do reconhecimento de enunciadores sobre o cálculo de valores referenciais de enunciados sem se engajar na semântica da referência.

3 Três questões chaves para a Teoria: o problema da referência, as operações metalinguísticas e a invariância da linguagem

Para Culioli (1995, p. 117) todo enunciado é potencialmente ambíguo e o trabalho linguístico requer: (i) especificar / relatar o que é ambíguo, (ii) explicar porque é ambíguo, (iii) explicar como, por meio de adições prosódicas ou contextuais, a ambiguidade pode ser removida e (iv) especificar porque uma adição deve ser feita para prover sua desambiguação.

Desambiguar suscita a construção de formas abstratas sem que se façam necessárias regras formais de interpretação. Somos dotados de uma capacidade incessante de construir significações por termos valores



referenciais (culturais, psicológicos, afetivos, etc.) que nos habilitam a construir tais significados.

Culioli (1995, p. 117) assim define a significação como a referência global reduzida ao problema da referência e dos valores referenciais. Ele desprende-se da referência por crer que a relação entre enunciado e evento é sempre mediata ao invés de imediata, mesmo porque, constantemente, lidamos com eventos construídos e representados. O problema da referência, apesar de compreendido a partir de um ponto de vista formal, se dá pelo fato de não conseguirmos saber se há correspondência entre valores de verdade subjetivos e valores de mundo. É nesse contexto que Culioli introduz o termo “valores referenciais” e vê o problema da construção da significação como sendo de ordem sócio-semiótica.

De acordo com Desclés (2005), uma das características da linguística culioliana é a análise clara de operações constitutivas do enunciado sendo que tais operações têm os traços linguísticos (as marcas), cujas identificações permitem o linguista reconstruir as operações subjacentes. A identificação das operações elementares e abstratas, assim como a descrição detalhada de modos de composição que os organiza em operações mais complexas inseridas em macro operações, conduz a construção de representações cognitivas que fornecem dados preciosos sobre o funcionamento da linguagem.

As representações metalinguísticas não constituem um só nível homogêneo visto que cada nível explicita mecanismos específicos. A partir das configurações morfossintáticas pode-se conjecturar um primeiro nível metalinguístico encarregado de descrever, independentemente das posições sintagmáticas, as operações que são responsáveis tanto pelas organizações



linguísticas observáveis (os traços de seus operadores), quanto permitir extrair operações generalizáveis de uma língua natural.

O conceito de invariância, nos domínios da TOPE, fornece meios para repensar aquilo que pode fazer a unidade da linguagem além da diversidade das línguas naturais e para repensar as próprias modalidades da atividade linguística além da expressão de conteúdos compreendidos e estabilizados. (VOGÜÉ, 2005)

Mostrar a invariância da linguagem é captar nela o que é mais generalizável. Assim, tal conceito é feito para pensar as relações do particular ao geral, das línguas à linguagem. O que permite supor que existem várias invariâncias: invariâncias particulares, invariâncias gerais, invariâncias de língua e invariâncias de linguagem.

Apesar de a invariância ser uma ferramenta para se pensar a diversidade das línguas naturais, ela não é um dado universal, mesmo que ela seja encontrada de língua a língua. Dessa forma, uma categoria ao ser invariante, não implica ser universal, mesmo porque o projeto de Culioli não busca minimizar a diferença. Ao contrário, ele pretende se fundar sobre tais diferenças para chegar a reconstruir, em toda sua extensão, o campo de funcionamento de uma categoria.

O problema da invariância, que é o de articular o particular ao geral, refere-se ao programa geral que a TOPE dá à linguística, o de apreender a linguagem através da diversidade das línguas naturais, visto que os sujeitos com suas línguas realizam uma única e mesma atividade: atividade de representação, de referenciação e de regulação das relações intersubjetivas. E as línguas, assim diversas, condicionam o pensamento e sua expressão, mas



não são prisões para o pensamento e a expressão. As línguas são singulares e mesmo assim é sempre a mesma linguagem que permite compreender a organização de qualquer língua em sua singularidade. Culioli não almeja apenas reconstruir as categorias invariantes das línguas naturais, mas também determinar os fatos da invariância no âmago de uma língua.

Nesse sentido, o projeto de Culioli também é o estudo da invariância entre as línguas e a invariância em cada língua porque visa pesquisar as invariantes linguagísticas no cerne das línguas particulares. Para tal, não se consiste, apenas, em determinar uma forma qualquer de ponto comum, de princípio, de parâmetro ou de esquema geral de fazer abstração do que é variável, mas em exercer a variação em toda sua amplitude. Culioli faz proliferar as paráfrases (a variação intralíngua) com o intuito de descrever, a partir dessa proliferação, as modalidades e os contornos do que é variável (VOGÜÉ, 2005).

Assim, dada uma unidade, explora-se o campo de sua variação, mostra-se que essa variação é, pelo menos, parcialmente organizada para, a partir disso, poder reportá-la a uma invariante; a saber, a forma apreendida por essa organização, forma que define a variação e que se mantém na linha dessa variação. E o que mais importa é que essa forma seja sustentada por uma invariante até que ela (a forma) determine o funcionamento de uma unidade estritamente singular e própria de uma determinada língua sem a menor pertinência para outra língua que não a em questão.

Trata-se de um conceito chave para se compreender a singularidade das línguas naturais porque compreender o fenômeno da variação implica ter que estudar os seus princípios gerais. Determinar a natureza e o fundamento desses



princípios é objeto de estudo de pesquisas sobre a linguagem e a hipótese desses princípios é fonte de estudo da TOPE.

A paráfrase é uma possibilidade de equivalência local e supõe que qualquer forma pode ter valores localmente variáveis e que esses podem se relacionar com aqueles de outras formas. Quando o valor de uma unidade deriva sem que essa variação possa ser levada em conta por princípios regulares ou pelo campo que define a unidade, instaura-se a ambiguidade, pois não se saberá mais se trata da mesma unidade ou de outra. (VOGÜÉ, 2005, p. 319 - 326)

Considerando a relação de uma língua com ela mesma, a TOPE apreende e molda os fatores de estabilidade e os fatores de variação tanto no cerne de qualquer língua, quanto de uma língua a outra. Legitimam-se os fenômenos da parafraseagem, da polissemia e da deformidade controlada do sentido. Designa como ponto nodal da teoria a dupla contradição fundamental da enunciação por assumir que não há enunciado isolado, que todo enunciado está em relação com outros e preso (pelo enunciador) entre os enunciados equivalentemente possíveis, que não existe enunciado que não seja modulado, que não existe enunciado que não suporte uma gama de interpretações.

Tomando a relação de uma língua com outra, a TOPE impõe questões acerca da constituição do que viria a ser uma teoria geral das operações predicativas e enunciativas sem reduzir a singularidades das línguas, acerca de uma elaboração de três níveis de representação (nocional, linguístico e metalinguístico) e, finalmente a questão da dupla contradição fundamental da enunciação, a que dá à linguagem todo seu poder de se mover e de se estagnar e às línguas uma singularidade que se ampara por operações universais.



4 A Noção: do conceito ao exemplo de um mecanismo semântico

O conceito de noção é central na TOPE e se revela como um eixo de propriedades que são identificáveis e relacionáveis nas relações enunciativas por se prenderem ora ao domínio da cultura, ora ao domínio da experiência de mundo, ora ao domínio da cognição. Esses domínios são as fontes que caracterizam os objetos e os fenômenos de mundo.

A noção pode ser assim descrita enquanto um conceito que se refere ao nível das representações mentais, isto é, ao nível das representações que não são acessíveis diretamente. Trata-se, também, de uma propriedade situada na articulação do linguístico (do metalinguístico) e do extralinguístico em um nível de representação híbrida.

Cada termo dentro de uma língua natural refere-se a um número de propriedades físico-culturais não necessariamente universais; portanto, elas variam de uma cultura para outra, de uma matéria para outra. Isso fica mais evidente ainda no domínio das categorias gramaticais (gênero e número, por exemplo) nas quais certas operações são encontradas em todas as línguas por serem ou de ordem extralinguística ou por estarem associadas à linguagem. Uma noção não tem nada a ver com um rótulo lexical, ela é predicável e, como tal, não tem propriedades extensionais.

Todo domínio nocional é constituído de uma *fronteira*, que é o intervalo ou mesmo o campo vazio entre duas propriedades (p e p' , p e não p , verdadeiro e falso, etc.); de um *interior* dessa fronteira, que é tudo aquilo que é construído ao redor do alto grau da noção (o prototípico, o tipificado) e de um *exterior*, que é um domínio cujo centro é tudo aquilo que o interior não é (o contrário, o antônimo, etc.), igualmente prototípico e tipificado.



Nas palavras de Culioli (1990, p. 181- 182)

Quando se constroem ocorrências abstratas, fazem-se três coisas simultaneamente: (1) constroem-se ocorrências abstratas e individuais, (2) constrói-se um centro organizador, em relação ao qual qualquer ocorrência da noção é definida (o centro organizador é dual: um tipo e um atrator). (3), Daí, a construção de um gradiente (o domínio nocional) então representada como um recipiente de atração; o valor absoluto é central, e o valor relativo de P diminui à medida que se distancia do centro. Disso tudo, segue que as ocorrências são distribuídas num domínio (chamado domínio nocional) com uma topologia, baseada na identificação e na diferenciação. O resultado é um domínio de quatro zonas (Centro; Interior; Fronteira; Exterior). [...]¹

A partir de um simples enunciado como **Maria deu o livro para Pedro** tentaremos demonstrar como a significação linguística se instaura durante o ato enunciativo. Como âncora desse processo temos as representações de ordem cultural que condicionam uma mesma comunidade linguística a atribuir valores a partir de suas vivências enquanto sujeitos enunciadoreis.

Cabe ainda registrar que optamos por nos limitar a algumas operações semânticas com o verbo DAR para mostrarmos como o sentido e a referência são construídos (na predicação) por meio das propriedades dos objetos extraídas do mundo fenomenológico.

Assim, numa situação enunciativa em que colocaremos o verbo DAR como relator (**r**) numa relação do tipo <**X r Y**> e partindo de uma assunção radical da abstração linguística, estaremos ilustrando a plasticidade de valores que são reverberados a partir da nossa experiência de mundo, o empírico que dá suporte ao formal, a subjetividade que ancora a objetividade e talvez o mais



importante para nós linguistas: mecanismos semânticos que movimentam categorizações. Vale ainda lembrar que nossa análise é baseada numa assunção radical da abstração linguística.

Passando à análise, inferimos que:

Existe um sujeito que é Maria.

Existe um sujeito que é Pedro.

Existe um objeto que é livro e que está em relação com Maria e Pedro.

Posto isso, propomos duas paráfrases:

(A) Maria deu o livro para Pedro, ele adorou o presente.

(B) Maria deu o livro para Pedro, ele não conseguia alcançá-lo sozinho.

Nessa primeira demonstração atribuiremos ao relator **dar** (doravante, **r**) dois valores nocionais diferentes na relação que ele estabelece com os dois sujeitos em questão – Maria (**X**) e Pedro (**Y**). O primeiro valor será definido a partir da noção de “dar sem contrapartida” (**r¹**) e o segundo a partir da noção de “dar com contrapartida” (**r²**).

A noção de **r¹** insere que livro passa, necessariamente, a pertencer a **Y** a partir da ação de **X** enquanto que a noção de **r²** implica que **Y** não passa a pertencer, necessariamente, o livro a partir da ação de **X**.

Criemos os dois contextos que explicitam os dois valores dados, por nós, a **r¹** e **r²**:



Situação 1 (para r^1): É aniversário de Pedro e Maria, a fim de presentear-lo, dá-lhe um livro.

Situação 2 (para r^2): Maria e Pedro estão juntos estudando, mas o livro de que Pedro necessita está próximo à Maria. Dessa forma, Pedro pede o livro e Maria dá o livro para Pedro.

A seguir faremos algumas interpretações - com o suporte da marca aspectual **somente** - que sustentam a relação estabelecida entre X e Y e que sustentam os dois valores de r aqui abordados. Começemos mantendo o valor de r^1 :

Maria e somente Maria deu o livro para Pedro (Pedro não ganhou livro de mais ninguém).

Maria deu somente o livro para Pedro, nada mais (O livro foi o único presente dado por Maria a Pedro).

Maria deu o livro para Pedro somente, para ninguém mais. (Pedro e somente Pedro ganhou o livro de Maria)

Partindo para o valor de r^2 teríamos uma cadeia parafrástica do tipo:

Maria e somente Maria deu o livro para Pedro. (Havia mais gente perto, mas só Maria se manifestou em ajudar Pedro)

Maria deu somente o livro para Pedro, nada mais. (Havia outros materiais que talvez Pedro necessitasse alcançar, mas Maria só deu o livro.)

Maria deu o livro para Pedro somente, para ninguém mais. (Havia mais pessoas que queriam / necessitavam do livro.)



É de se observar que qualquer que seja a relação que r estabelece entre X e Y , a noção de r só se estabilizará a partir de uma contextualização. Assim, a simples relação $\langle X \ r \ Y \rangle$ não estabiliza o valor do verbo em questão e não garante que os fenômenos referenciais sejam mantenedores de um sentido ao enunciado, mesmo porque, só o empírico (o ato enunciativo) é capaz de estabelecer, minimamente, uma relação entre valor e palavra, entre o objeto e a representação do objeto (a noção em si).

Considerações finais

Diríamos, portanto, que a teoria culioliana refere-se a uma teoria da enunciação na medida em que ela se dá como objeto que enuncia a ela mesma, pois, o enunciado não é considerado como um resultado de um ato de linguagem individual ancorado apenas num eu, num aqui e num agora, mas como um agenciamento de formas a partir dos mecanismos enunciativos que o constituem, os quais permitem que eles (os enunciados) sejam analisados dentro de um quadro de um sistema de representação formalizável como um encadeamento de operações das quais ele é o maior traço.

O que talvez melhor justifique Culioli partir em defesa de uma Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas é o fato de que o termo operação faz jus à hipótese de que o valor referencial de um enunciado não é um dado, mas um construto, o que significa que estudar a enunciação é também estudar as modalidades de constituição deste valor.

Percebemos também que os mecanismos semânticos enunciativos que fundamentam os objetos de análise da TOPE: as línguas naturais, não são externos a elas, fato que também não faz da teoria culioliana uma teoria da



pragmática. Logo, todo agenciamento dessa reflexão teórica é sempre de ordem enunciativa e os sujeitos enunciadores não constituem uma instância pré-construída exterior aos processos constitutivos do enunciado, ao contrário, eles são os próprios frutos desses processos operacionais por realizarem um papel bem variável de um enunciado a outro se inscrevendo dentro de um todo complexo que foge à simples dicotomia emissor / receptor para, assim, assumirem funções híbridas.

Referências

CULIOLI. A. **Cognition and representation in linguistic theory**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation: Opérations et représentations**. Paris: Ophrys, 1990.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage**. Paris: Ophrys, 1999a.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel**. Paris: Ophrys, 1999b.

CULIOLI, A. et NORMAND, C. **Onze rencontres sur le langage et les langues**. Paris: Ophrys, 2005.

VOGÜÉ, Sarah de. Invariance culiolienne. In: DUCARD, D. e NORMAND, C. (Dir.). **Antoine Culioli: Un home dans le langage**. Paris: Ophrys, 2005, p. 302 – 331



ⁱ When you construct abstract individual occurrences, you do three things simultaneously: (1) you construct abstract individual occurrences, (2) you construct an organizing centre, with respect to which any occurrence of the notion is defined (the organizing centre is dual: a type and an attractor). (3) Hence, the construction of a gradient (the notional domain is then represented as a basin of attraction; the absolute value is central, and the relative value of P decreases as you move away from the centre).

From all this, it follows that the occurrences are distributed in a domain (called *a notional domain*) with a topology, based on identification and differentiation. The result is a four-zone domains (Centre; Interior; Boundary; Exterior). [...]